



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA - CUBT**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM (FACL) - FACL**

**ELAINE DO RÊGO CARNEIRO**

**'MINA' DE QUANTIFICADORES: UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA**

**ABAETETUBA – PA**

**2024**

ELAINE DO RÊGO CARNEIRO

**‘MINA’ DE QUANTIFICADORES: UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, habilitado em Língua Portuguesa, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial a obtenção do título de Licenciado em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Robson Borges Rua

ABAETETUBA – PA

2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

C289m Carneiro, Elaine do Rêgo.  
'Mina' de quantificadores : uma abordagem funcionalista /  
Elaine do Rêgo Carneiro. — 2024.  
30 f. : il. color.  
Orientador(a): Prof. Dr. Robson Borges Rua  
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do  
Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua  
Portuguesa, Abaetetuba, 2024.  
1. Fenômeno da quantificação. 2. Mina. 3. Linguística  
funcional. I. Título.

CDD 410

---

ELAINE DO RÉGO CARNEIRO

**'MINA' DE QUANTIFICADORES: uma abordagem funcionalista**


Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.


Orientador: Prof. Dr. Robson Borges Rua

Data de aprovação: 07/11/2024

Conceito: Excelente

**Banca Examinadora:**

  
Prof. Dr. Robson Borges Rua  
Universidade Federal do Pará

  
Prof. Dr. Marcelo Pires Dias  
Universidade Federal do Pará

Aos meus pais, nomeadamente, Aldileia e Eloi, que tudo fizeram em prol da educação de suas filhas.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente à Deus, pois ele é minha força e sem ele eu não chegaria até aqui. Obrigada, meu Pai, por me capacitar e me sustentar sempre. Por ser minha fortaleza e o meu refúgio. Sem ti, esse momento não seria possível. Obrigada por me permitir vivenciar essa conquista.

Ao meu orientador, Dr. Robson Borges Rua, obrigada pelo apoio, confiança, compressão e aprendizado durante todo o período de orientação e construção dessa pesquisa. Meu muito obrigada.

A minha família, nomeadamente, meus pais, Aldileia e Eloi, minha irmã, Elieida e meu namorado Jefferson, por todo incentivo e apoio em todos os momentos. Vocês são a minha base de amor, carinho e perseverança. Tê-los ao meu lado durante toda essa jornada foi um presente divino. Essa conquista é nossa!

Agradeço também, a existência da Bonnie em minha vida. Minha gatinha, minha filha, que chegou trazendo além da bagunça, um amor genuíno, tornando-se um dos meus melhores refúgios em dias turbulentos. Sendo a minha parceira em muitos momentos de escrita desse trabalho, em que seus pelos pretos e brancos rolavam no teclado do meu notebook e a sua patinha cheia de curiosidade pousava em minhas mãos como se quisesse me ajudar, como está agora, aqui ao meu lado, sendo minha fiel companheira.

As amigas que fiz na universidade, nomeadamente Irna Moraes, Wanessa Queiroz, Mayana Fortes e Joice Martins. Obrigada meninas, vocês foram, por muitas vezes, o apoio, encorajamento e incentivo que eu precisava. Especialmente a Joice Martins, que se tornou minha amiga fiel, companheira, dentro e fora da universidade. Obrigada, Joice! Tu foste uma pessoa importantíssima durante essa trajetória na universidade e espero que nossa amizade permaneça aqui fora. Conta comigo pra tudo.

Deixo também, meus agradecimentos a todos, que de alguma forma, contribuíram para a realização desse trabalho.

Minha eterna gratidão.

A palavra língua nos dá uma ilusão de uniformidade, de homogeneidade que não corresponde aos fatos. (Marcos Bagno)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
1. FENÔMENO DA QUANTIFICAÇÃO NO PB.....	13
1.1 A visão dos gramáticos .....	14
1.2 A visão dos linguistas funcionalistas .....	15
2. ARCABOUÇO TEÓRICO: LINGUÍSTICA FUNCIONAL .....	16
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	19
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....	22
4.1 O termo <i>mina</i> com seu sentido literal.....	23
4.2 A passagem do concreto para o abstrato.....	24
4.3 <i>Mina</i> : quantificador ou intensificador? .....	27
4.4 Uma variação do termo <i>mina</i> .....	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

## **‘MINA’ DE QUANTIFICADORES: UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA**

Elaine do Rêgo Carneiro

Robson Borges Rua

### **Resumo:**

O presente artigo se trata de um trabalho de conclusão de Curso, desenvolvido no Núcleo Amazônico de Estudos Semânticos do Português (NAESP). Nesse sentido, propõe-se uma discussão acerca do fenômeno da quantificação, direcionando o foco para uma expressão não canônica do português, empregada em algumas regiões do país, a saber: *mina*. O objetivo do trabalho é sinalizar o processo de mudança linguística que ocorre no interior da língua, sob a perspectiva da motivação da gramática. Por essa razão, este estudo se ancora nas teorias e postulados da Linguística Funcional, nos estudos de Rios de Oliveira (2020), Cunha et al (2015), Bybee (2010), além dos estudiosos Ferrarezi Jr (2008) e Cañado (2008). Para a realização da pesquisa e análise do fenômeno em foco, recorreu-se a prints de conversas e postagens nos aplicativos *WhatsApp*, *Instagram* e *Facebook*, em que foram encontradas ocorrências como “Tão prendendo mina de gente”, entre outras. A referida pesquisa teve início em 17/11/2022 e término em 04/03/2024 e busca contribuir com os estudos gramaticais do português brasileiro.

**Palavras-chave:** Fenômeno da quantificação. Mina. Linguística Funcional

**Abstract:**

This article is a final course work, developed at the Amazon Center for Semantic Studies of Portuguese (NAESP). In this sense, a discussion is proposed about the phenomenon of quantification, directing the focus to a non-canonical expression in Portuguese, used in some regions of the country, namely: *mina*. The aim of the work is to signal the process of linguistic change that occurs within the language, from the perspective of grammar motivation. For this reason, this study is anchored in the theories and postulates of Functional Linguistics, in the studies of Rios de Oliveira (2020), Cunha et al (2015), in addition to the scholars Ferrarezi Jr (2008) and Caçado (2008). To carry out the research and analysis of the phenomenon in question, screenshots of conversations and posts on the WhatsApp, Instagram and Facebook apps were used, in which occurrences such as “*Tão prendendo mina de gente*” (“They’re arresting a lot of people”), among others, were found. The aforementioned research began on 11/17/2022 and ended on 03/04/2024 and seeks to contribute to grammatical studies of Brazilian Portuguese.

**Keywords:** Quantification phenomenon. *Mina*. Functional Linguistics.

## INTRODUÇÃO

A considerar os estudos linguísticos de base funcionalista, temos a língua como algo vivo em constante mudança e evolução. Logo, a partir desses estudos, passamos a observar a língua em seu contexto de uso, elevando nosso olhar para a necessidade comunicativa do falante, este que por sua vez, utiliza a língua a seu favor e a altera diariamente durante seus atos comunicativos.

Todavia, sabemos que essas alterações que ocorrem, na língua, durante o processo de comunicação entre os falantes, ainda hoje, (depois de muitos estudos e pesquisas sobre o assunto), não são bem aceitas, tendo em vista a força dos estudos de base tradicionais que abordam em suas teorias que a língua é um sistema fechado, com estruturas bem definidas. Ou seja, para os estudos de bases tradicionais, a fala deveria obedecer aos padrões de escrita que nos são impostos, o que implica em desconsiderar que cada falante, comunidade ou região, transfere para a língua a sua identidade, fazendo desta um sistema dinâmico e maleável.

Partindo dessa problemática, buscamos dar visibilidade, neste trabalho, a uma construção não canônica bastante utilizada por paraenses (mina), concentrando nosso foco no público alvo: moradores da cidade ribeirinha Abaetetuba-PA, e regiões de ilhas próximas, tendo em vista que sou procedente da Ilha Costa Maratauíra e pude observar de perto o uso dessa construção cotidianamente, pois eu mesma faço uso com frequência.

Assim, foi fazendo essas observações e tendo contato com os estudos pragmáticos dentro da minha graduação que me interessei a pesquisar o que motiva esse uso. Dessa forma, temos o intuito de demonstrar o linguajar paraense, bem como valorizar as formas consideradas não canônicas.

Por essa razão, a presente pesquisa foi embasada em estudos voltados a área da Linguística Funcional, uma vez que essa corrente de estudos se interessa em analisar a língua em funcionamento. Nesse sentido, nos apropriamos de teorias e discussões de renomados autores como Rios de Oliveira (2020), Bybee (2010), Ferrarezi Jr (2002), Cunha et al (2010), entre outros, que traçam riquíssimas discussões envolvendo a língua em uso e sua evolução e adaptação diacrônica.

Nesse viés, cabe pontuar uma discussão de Ferrarezi Jr. (2008) que fala de forma abrangente e resumida o que pretendemos explicar nesse trabalho acerca dos

quantificadores. Ferrarezi Jr. é um importante pesquisador da área da semântica e nos chama atenção sobre esse recurso linguístico (quantificadores), que é um assunto ainda bastante limitado no ensino básico, tendo em vista que os professores recorrem mais aos numerais para quantificar as coisas. O autor afirma, sobre o fenômeno da quantificação, que:

A representação da quantidade nas línguas naturais é extremamente complexa. A visão das gramáticas tradicionais, porém, vinculou essa representação a um suposto paradigma de numerais. É importante que os alunos se deem conta que essa visão não corresponde à totalidade dos recursos na língua para a representação das quantidades. (FERRAREZI JR, 2008, p. 128)

De acordo com a passagem supracitada, entende-se que Ferrarezi Jr. (2008) faz uma crítica à visão dos gramáticos acerca dos quantificadores, uma vez que ele pontua essa limitação dos paradigmas dos numerais como o recurso principal para quantificar as coisas do mundo. Percebe-se, então, que esse ensino tradicional, ainda vigente nas escolas, não olha a língua na perspectiva do uso, mas sim em uma perspectiva estrutural, tal como a gramática normativa nos orienta.

Diante disso, este estudo tem como objetivo geral “Realizar uma discussão acerca do item lexical “mina”, com o intuito de identificar os processos que transformam o referido termo em um quantificador no português. E aliado a esse objetivo geral, elaboramos também alguns objetivos específicos para nos guiar ao resultado que pretendíamos alcançar, que são: Realizar a coleta de dados dos contextos de interação em que o item lexical *mina* é empregado; discorrer acerca do processo de abstratização em relação ao termo *mina*; desenvolver uma abordagem sinalizando que o termo *mina* pode tanto quantificar quanto intensificar; apresentar uma variação do termo *mina* no município de Abaetetuba.

No que diz respeito a organização, este artigo foi estruturado da seguinte forma: a seção 1 foi responsável pela introdução; na seção 2 fizemos uma discussão sobre o fenômeno da quantificação, com os subtópicos: a visão da tradição gramatical e a visão dos linguistas funcionalistas; em seguida, a seção 3 foi responsável pelo nosso arcabouço teórico; na seção 4 apresentamos os procedimentos metodológicos da pesquisa; na seção 5 desenvolvemos a análise dos dados que coletamos, que é composta pelos seguintes subtópicos: *mina* com seu sentido literal, a passagem do concreto para o abstrato, *mina*: quantificador ou intensificador?, uma variação do termo *mina*.

## 1. O FENÔMENO DA QUANTIFICAÇÃO NO PB

O presente estudo tem como foco um dos recursos linguísticos do português: os quantificadores. Esse fenômeno é utilizado pelos falantes da língua para exprimir a quantidade de alguma coisa ou propriedade. Segundo Ferrarezi Jr. (2008):

Nossos sentidos nos informam que as coisas do mundo se apresentam em tamanhos, quantidades, formas, cores etc., etc., diferentes. Todas essas informações sobre as coisas são, para nós, importantes em uma representação, porque dizem respeito a forma como nos relacionamos com esse mundo. (FERRAREZI, JR, 2008, p. 127)

Partindo desse princípio, de acordo com Ferrarezi Jr. (2008) a noção de quantidade não deve se limitar apenas no seu sentido cardinal, mas sim ir para além disso, considerando outras formas de quantificação, como por exemplo, as dimensões, as capacidades, as intensidades etc.

Nesse sentido, o autor argumenta ainda, em seu livro *Semântica para a Educação básica*, ano (2008), que “ao falar de quantificadores, portanto, estamos nos referindo a todos os recursos que a língua possui para expressar todas essas formas de quantificação que conhecemos” (Ferrarezi Jr., 2008, p. 127).

Essa afirmação de Ferrarezi Jr (2008) expande a noção limitada de quantidade que é empregada pela tradição gramatical, levando-nos a olhar a língua como uma estrutura que sofre pressões externas diariamente de seus usuários, ocasionando o surgimento de novos termos ou a ressemantização de termos já disponíveis no nosso léxico.

Nesse contexto, é dentro dessa linha de raciocínio que este trabalho se desenvolve, tendo em vista que o objeto de estudo *mina* é um recurso linguístico não canônico, pois difere-se dos quantificadores canônicos propostos pela gramática tradicional. Na Figura 1, podemos observar alguns dos quantificadores propostos pela visão dos gramáticos e alguns quantificadores não canônicos, dentre eles o quantificador *mina*, que é o objeto de estudo desse trabalho:

Figura 1 – Quantificadores canônicos e não canônicos

Canônicos	Não Canônicos
✓ Numerais (um, dois...)	✓ Mina
✓ Muito	✓ Montueiro
✓ Bastante	✓ Até os pau
✓ Um pouco	✓ Porrada Seca
✓ Meio	✓ Avortado
✓ Vários	✓ Minério

Fonte: Própria da autora

Diante dos quantificadores canônicos e não canônicos, pode-se perceber que o português possui uma diversidade de termos que exprimem quantidade, levando-nos a abraçar com mais força a transformação que a língua sofre por seus falantes, a considerar que não é algo negativo; ao contrário, é algo positivo que enriquece a comunicação entre os indivíduos.

Essas transformações fazem parte da evolução da língua na busca de uma comunicação mais real, concreta, pois, os falantes não criam termos aleatoriamente, mas sim, moldam a língua conforme suas necessidades comunicativas para que as informações causem um impacto mais expressivo.

### 1.1 A visão da tradição gramatical

A gramática é vista por muitos estudiosos como o conjunto de regras a serem seguidas por todos os falantes de uma língua. Em outras palavras, Azeredo (2000) conceitua a gramática normativa como:

um conjunto de informações geralmente aprendidos na escola, contidas em um livro específico também chamado “gramática”, que nos ensina, entre outras coisas, a classificar os sons que pronunciamos, as palavras e suas partes, as orações e seus termos, e a enunciar os processos usuais na combinação dessas unidades. (AZEREDO, 2000, p. 33)

Ou seja, a gramática é tida como um sistema regido por regras, as quais precisam ser seguidas para que os usuários desse sistema possam usá-lo corretamente.

Seguindo essa linha de raciocínio, Ferrarezi Jr. (2008, p. 130) advoga que “tradicionalmente, os numerais são vistos como a forma mais comum de quantificação, mas eles funcionam de forma diferente.” De acordo com a mensagem supracitada, o autor quis dizer que os numerais não apenas quantificam somente de forma cardinal, embora sejam mais usuais que as outras formas.

Segundo Ferrarezi Jr. (2008, p. 131), a quantificação pode se apresentar de outras maneiras e se estas existem, devem ser consideradas importantes e levadas em consideração. O alusivo autor lista as diferentes formas de quantificação que os numerais podem se apresentar no português, sendo elas:

Cardinais - geralmente funcionam como adjetivos: um bolo, dois copos, três fatias de pão;

Ordinais - funcionam como adjetivos e como nomes: o primeiro/o primeiro jogador; o segundo/o segundo jogador

Multiplicativos - sempre funcionam como nomes: o dobro (do dinheiro); o triplo (da comida); o quádruplo (do empréstimo)

Fracionários - sempre funcionam como nomes: a metade (das bolachas); um terço (do salário); um quarto (de hora).

Nesse sentido, de acordo com Ferrarezi Jr (2008), existem outras formas numerais de quantificação além dos cardinais, embora estes sejam mais usuais, além de algumas palavras que exprimem o significado de quantidade, como por exemplo: muito, bastante, um pouco, meio, entre outros. Essas são as formas ditas canônicas que conhecemos para quantificar as coisas e objetos, segundo os estudos dos gramáticos tradicionais.

## **1.2 A visão dos linguistas funcionalistas**

Em contrapartida, a corrente teórica Funcionalismo mostra que essa visão da Gramática Tradicional é um tanto limitada, tendo em vista que a língua natural é rica em expressões, dentre as quais incluem-se aquelas que tem função de representar e especificar quantidades. Nesse sentido, faz-se necessário olhar para a língua de forma diacrônica, pois esses termos e expressões que assumem a função de quantificador são advindos de uma

evolução e transformação da língua no decorrer do tempo, em que os falantes reciclam termos existentes para outros fins comunicativos.

Sobre a questão da “reciclagem”, Rios de Oliveira (2020, p. 01) argumenta que “as pessoas não saem por aí criando termos novos para cada ideia ou sentimento que querem expressar, na maioria das vezes, elas ‘reciclam’ termos já disponíveis e de uso geral para novas necessidades comunicativas.” É o que acontece com inúmeros termos que já possuem um significado, mas através da “reciclagem”, os falantes atribuem a esse termo outro significado, como é o caso do objeto de estudo *mina*.

Rios de Oliveira (2020, p. 01) pontua ainda que “nesse contexto de uso, “reciclar” significa transformar ou adaptar algo já usado para ganhar uma nova utilização.” Pois, na medida em que a língua vai sendo usada, assim como qualquer outra coisa que usemos, seja uma roupa ou calçado, por exemplo, com o tempo vai se desgastando, tornando-se necessário que seus usuários busquem meios de renovar aquilo novamente. Esse é um dos fatores que levam os falantes a reciclarem a língua conforme seu uso e suas necessidades comunicativas. Nesse sentido, a considerar essa discussão, o presente trabalho abordará o quantificador não canônico *mina*, mostrando sua funcionalidade em atos comunicativos. Assim, por meio deste trabalho, pretende-se elucidar a diversidade do sistema linguístico através de uma abordagem funcional da linguagem, a qual têm o sistema linguístico como algo motivado e maleável.

## **2. ARCABOUÇO TEÓRICO: LINGUÍSTICA FUNCIONAL**

Sabe-se que a comunicação passou a existir a partir da necessidade do homem em repassar e receber informações. Nesse sentido, movidos por essa necessidade, no decorrer da história da humanidade, os homens buscaram diversos meios de se comunicar, como os gestos, sinais, sons, que usamos até os dias de hoje. Com o passar dos anos, a escrita surgiu como meio de comunicação entre os indivíduos, alargando as possibilidades de receber e repassar comandos, até se chegar à comunicação por meio das línguas faladas. Ou seja, me refiro a linguagem falada, utilizada cotidianamente entre os indivíduos.

Partindo desse princípio, segundo Fiorin (2013, p. 13), “a linguagem é a capacidade específica da espécie humana de se comunicar por meio de signos.” Ou seja, nas palavras do autor, o ser humano nasce com a habilidade de falar e aprender línguas, e isso está aquém de questões sociais ou de escolaridade. Todo ser humano é capaz de usar a língua para se comunicar, a menos que fatores específicos de saúde o impeçam.

Nessa perspectiva, cabe salientar sobre a linguística que é uma ciência “que tem por finalidade elucidar o funcionamento da linguagem humana, descrevendo e explicando a estrutura e o uso das diferentes línguas faladas no mundo.” (Fiorin, 2013, p. 42). Tomando como base a citação supracitada, entende-se que os diferentes usos linguísticos não devem ser rotulados como incorretos e deixados à margem daquilo que é tido como “padrão”, pois os diferentes usos da língua dizem respeito a uma dada cultura, povo ou comunidade.

Diante desse cenário, é importante pontuar que a Linguística possui ramificações, tendo em vista a existência do polo formalista e o polo funcionalista. O polo formalista compreende o estudo da língua em uma perspectiva autônoma, enquanto que o polo funcionalista concebe a língua em seu contexto de uso, sendo, portanto, uma estrutura maleável, sujeita a modificações no decorrer do tempo e conforme a necessidade comunicativa do falante em seus discursos.

Por tudo isso, o presente estudo se ancora nas teorias e postulados da Linguística Funcional, a qual compreende a língua como um instrumento de interação social e por isso não considera somente a sua estrutura, mas a sua relação com a sociedade, tendo em vista que ela exprime a identidade e a cultura de um povo ou comunidade.

Cunha et al (2015, p. 20) diz que “para resumir essa visão funcionalista da linguagem, é interessante o grupo de premissas com que Givón (1995), caracteriza essa concepção:”

- a linguagem é uma atividade sociocultural;
- a estrutura serve as funções cognitivas e comunicativas;
- a estrutura é não arbitrária, motivada, icônica
- a mudança e variação estão sempre presentes;
- a sentido é contextualmente dependente e não autônomo;
- as categorias não são discretas;
- a estruturas é maleável e não rígida;
- as gramáticas são emergentes;
- as regras de gramáticas permitem algumas exceções.

Cunha et al (2015, p. 21), advoga ainda que o Funcionalismo se difere das demais correntes teóricas que estudam a língua, “primeiro por conceber a linguagem como um instrumento de interação social e segundo porque seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua.” Ou seja, para os autores, a corrente teórica funcionalista vai de encontro com o formalismo, estruturalismo e gerativismo, uma vez que seu foco não se resume a análise estrutural da língua, mas se baseia na investigação da língua na perspectiva do uso, buscando entender o que motiva os falantes a moldarem a linguagem conforme suas necessidades comunicativas.

Sobre essa necessidade comunicativa, Rosário (2015) pontua que os falantes são movidos pelo princípio da expressividade. Isto é, o falante inserido em contexto comunicacional sente a necessidade de buscar novos artifícios linguísticos que possam impactar a sua mensagem. E isso pode acontecer de diversas formas, seja na atribuição de um novo significado a um termo já existente na língua, seja na criação de novas palavras, entre outras formas em que o falante, ao se expressar, naturalmente, molda a língua por meio do uso.

Nesse sentido, estudos como de Bybee (2010) fazem-se presentes neste trabalho, tendo em vista que a autora, através de um processo metafórico, compara a língua com as dunas, demonstrando que assim como as dunas de areia são moldadas por fatores externos, a língua também é moldada pelos falantes que a utilizam. Bybee faz a seguinte afirmação:

A primeira razão para ver a linguagem como um sistema adaptativo complexo, ou seja, como algo mais parecido com dunas de areia do que como uma estrutura planejada, como um edifício, é que a linguagem exhibe uma grande quantidade de variação e de mudança gradativa. (BYBEE, 2010, p. 69)

A autora faz essa comparação da língua com as dunas de areia por conta das diversas mudanças e variedades linguísticas que a linguagem apresenta, e isso pode ser visto através de um estudo diacrônico da língua, no qual é possível enxergar como esta vem mudando e variando com o passar do tempo, acompanhando as mudanças sociais, culturais e econômicas.

Diante desse cenário, ao analisar o termo *mina*, sob a perspectiva da sintaxe, o termo, em questão, pode-se referir a algo espacial como por exemplo quando o termo *mina* é usado para se referir a um depósito subterrâneo que comporta carvão ou petróleo. No entanto, o foco deste trabalho se debruçará na análise do termo *mina*, tomando como base os

estudos semântico-pragmáticos, buscando evidenciar que o significado dos termos emerge conforme a necessidade comunicativa dos falantes, uma vez que, movidos pelo princípio da expressividade, tal como está posto em Rosário (2015), os falantes atribuem a esse termo um outro significado: o de quantificador.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O ato de pesquisar, investigar e refletir sobre determinado assunto é de suma importância para a sociedade, pois é através da pesquisa que é possível avançar em diversas áreas do conhecimento como: saúde, tecnologia, educação, entre outras. Partindo desse pressuposto, a pesquisa científica que foi desenvolvida sobre o uso do item lexical *mina*, neste artigo, buscou observar e investigar o comportamento da língua na perspectiva do uso, focalizando em um termo específico muito recorrente tanto nos discursos orais quanto nas redes sociais para quantificar as coisas, a saber “mina”.

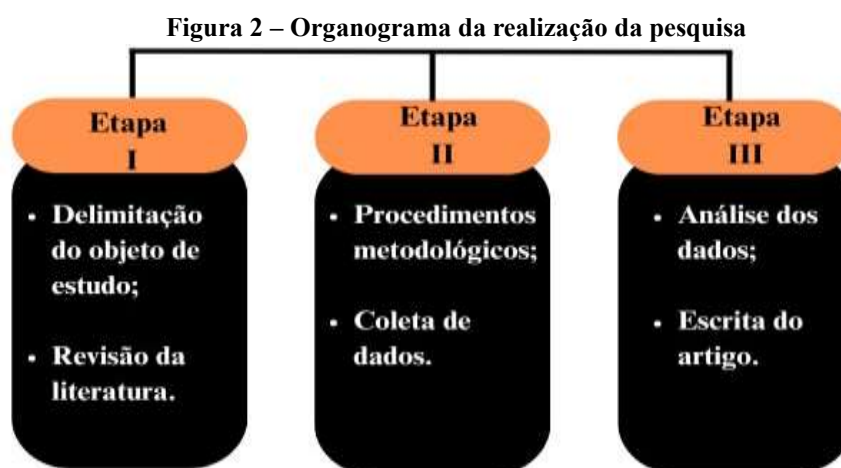
O interesse em pesquisar esse tema surgiu nas aulas de Semântica e Pragmática, ministradas pelo professor doutor Robson Borges Rua, que é meu orientador nessa pesquisa. Além disso, o fato de eu ser procedente de uma comunidade ribeirinha da cidade de Abaetetuba, e não só vivenciar, como também usar termos não canônicos para quantificar as coisas, como: *mina*, *minério*, *montueiro*, *até os pau*, *avortado*, entre muitos outros, fez-me querer ainda mais estudar o porquê, nós, falantes do português, fazemos essa reciclagem da língua, tal como está posto em Rios de Oliveira (2020), atribuindo novos significados a termos já existentes.

A partir de então, decidimos focalizar em apenas um item lexical (*mina*) para colher dados, investigar, observar e buscar entender o que motiva os falantes a moldarem a língua durante seus atos comunicativos. Nesse viés, após esse momento inicial de escolha do tema a ser pesquisado, a presente pesquisa aqui explanada, começou a ganhar corpo nas reuniões do grupo de pesquisa NAESP (Núcleo Amazônico de Estudos Semânticos do Português), do qual fiz parte e que tem como coordenador o professor Robson Rua. E assim, por meio das reuniões e encontros do alusivo grupo de pesquisa, fomos desenvolvendo e estruturando esse trabalho, buscando realizar uma minuciosa investigação e coleta de dados, para então, chegarmos a este resultado.

Diante desse cenário, saliento que procuramos nos embasar em diversos autores e áreas de estudos voltadas a esse assunto, tendo como principal suporte os estudos de base

funcionalista, afim de buscar respostas do porquê que os falantes fazem uso de certos termos na língua que fogem daquilo que é proposto pela tradição gramatical. E uma das respostas que colhemos é que a língua, assim como nossas roupas e calçados, por exemplo, vai se desgastando conforme a usamos, sendo necessário fazermos essa reciclagem de termos já existentes para dar uma nova cara a nossa comunicação. Dentro desse contexto, então, é válido salientar que a pesquisa científica molda nossa sociedade, impulsionando o desenvolvimento de um país como um todo, pois por meio dela descobrimos respostas de perguntas que a olho nu não conseguimos enxergar.

Diante de tudo isso, podemos nos perguntar: mas como fazer uma pesquisa científica? Quais fases devo seguir? Bom, para que uma pesquisa seja realizada de forma eficaz, trazendo efeitos positivos para a vida em sociedade, é necessário seguir alguns métodos de modo a nos guiar durante esse processo. Assim, saliento que a presente pesquisa científica seguiu, basicamente, as seguintes etapas como podemos observar na figura x a seguir:



Fonte: Própria da autora

Conforme o que está exposto na figura 2, a presente pesquisa foi desenvolvida em três etapas. A primeira etapa consistiu na delimitação do objeto de estudo e na revisão da literatura, momento em que escolhemos nos aprofundar acerca do estudo do termo *mina* como um quantificador que está aquém ao que é proposto pela gramática tradicional, assim como buscamos nos embasar de estudos e abordagens acerca do domínio funcional da quantificação.

Na segunda etapa, dedicamo-nos a construir os procedimentos metodológicos e a coletar os dados para a pesquisa. Assim, esse processo seguiu em uma abordagem qualitativa,

uma vez que buscamos entender a motivação do uso do termo, em questão, a partir da necessidade comunicativa dos usuários da língua.

Por fim, a terceira etapa consiste na análise dos dados coletados anteriormente, a fim de organizarmos todos os *prints* de conversas e postagens retirados das redes sociais *WhatsApp*, *Instagram* e *Facebook*, para assim, consolidarmos a escrita do artigo. Nesse sentido, com base nos pressupostos metodológicos da pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, buscou-se “levar o contato do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regras através do trabalho intensivo de campo” (Lüdke e André, 1986, p.11). Portanto, esse processo foi de extrema relevância, tendo em vista que foi por meio dele que tivemos maior aproximação com o assunto que foi investigado.

Desse modo, como já mencionado acima, a referida pesquisa foi realizada por meio dos aplicativos *WhatsApp*, *Instagram* e *Facebook*, dos quais coletamos *prints* de conversas e postagens, em que são evidenciados o uso do termo *mina* com sentido de quantificador. Essa investigação teve início no dia 17/11/2022 e término em 04/03/2024, totalizando um total de 74 dados nos três aplicativos, que estão disponíveis o link a seguir: <https://drive.google.com/drive/folders/1kAinHR7v7d83TZZiRj5sT2dGT26j4fPD>

Por tudo isso, vejamos abaixo, no dado 1, retirado do aplicativo de conversas *WhatsApp*, o termo *mina* com o sentido de quantificador, fugindo dos padrões préestabelecidos pela gramática tradicional e comprovando a dinamicidade e maleabilidade do sistema linguístico.

**Dado 1: “Mina” como um quantificador não canônico**



Fonte: WhatsApp

Nesse contexto, ao observar o dado 1, percebe-se que é uma conversa entre dois indivíduos, no aplicativo de mensagens *WhatsApp*, em que um deles usa o termo *mina* para expressar que tinha *muitas* coisas para fazer. Ou seja, ele usou o termo *mina* como um recurso linguístico não canônico, que é mais inovador, trazendo expressividade e impacto para a sua mensagem.

Diante disso, fica explícito, então, que a língua é moldada e ressignificada a todo instante por seus usuários, demonstrando que o sistema linguístico é maleável e está à disposição dos falantes. E é por meio da observação e investigação minuciosa da língua, em uso, que se torna possível comprovar a riqueza do sistema linguístico, abrindo novos caminhos para a diminuição do preconceito linguístico.

Diante disso, fica evidente a importância de um olhar mais abrangente e funcional sobre a língua, buscando desmistificar esse ensino tradicional e arcaico sobre os quantificadores, que ainda se encontra enraizado no âmbito do ensino básico. Por isso, acreditamos na importância que este trabalho carrega, pois através dele será possível mostrar por meio de dados reais que a representação da noção de quantidade vai para além dos numerais, o que implica considerar que a língua se transforma e se adequa conforme a necessidade de uso dos falantes.

#### 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A presente seção é responsável por fazer uma análise e discussão acerca dos dados coletados por meio das redes sociais *WhatsApp*, *Instagram* e *Facebook*, nos quais o uso do item lexical *mina* carrega o sentido de quantidade. Além disso, discutiremos de forma sucinta sobre uma variação do termo *mina*, pois de tanto usar a língua, as palavras tendem a demonstrar um desgaste, fazendo com que os falantes busquem novas formas para se expressar de maneira com que seu discurso seja mais impactante. Também traçaremos um paralelo entre os quantificadores e intensificadores, pois coletamos dados nos quais o item lexical *mina* está agindo como intensificador de verbo, pois se encontra em uma posição sintática que lhe transfere do recurso linguístico quantificador para o recurso linguístico intensificador.

Diante disso, a presente seção será subdividida em quatro etapas. Na primeira etapa explicaremos brevemente sobre o sentido literal do termo *mina*, afim de mostrarmos que esse

termo já se encontra disponível na língua para representar algo concreto e/ou espacial. Em seguida discorreremos sobre o subtópico “a passagem do concreto para o abstrato”, justamente para demonstrarmos esse processo de ressemanticização que o termo *mina* sofre através de um processo denominado abstratização, tornando-se um quantificador bastante utilizado pelos falantes.

Dando seguimento, na terceira etapa, faremos uma discussão sobre a barreira não tão rígida entre quantificador e intensificador, demonstrando que através dos dados coletados percebemos algumas ocorrências em que o item lexical *mina* já não pertence a categoria quantificador, mas sim, intensificador. Por fim, na quarta etapa, discorreremos sobre uma variação do termo *mina*, demonstrando a rica expressividade dos falantes e a maleabilidade do sistema linguístico.

#### 4.1. O termo *mina* com seu sentido literal

Sabe-se que o objeto de estudo desse trabalho (*mina*) é um termo que passou por uma ressignificação, ou seja, foi atribuído outro significado dando-lhe a função para além de algo espacial ou geográfico. Nesse viés, é importante observarmos, primeiramente, o uso desse termo em seu sentido literal, para então, adentrarmos nos dados coletados, em que o termo *mina* passou por um processo de ressignificação, tornando-se também, um quantificador bastante utilizado entre os indivíduos que desejam uma comunicação mais impactante e inovadora. Vejamos abaixo, um dado, em que o termo em questão, apresenta seu sentido literal:

*Dado 2:*



Fonte: Portal G1

Ao observarmos o dado 2, percebemos que se trata de uma manchete do jornal G1, o qual está reportando a notícia de um acidente ocorrido na China, mais especificamente em uma **mina** de carvão. Percebemos então, que o termo *mina*, nesse dado, foi utilizado em seu sentido literal, pois está se referindo a um espaço, um local que comporta carvão.

Diante dessa discussão, que nos esclarece o sentido concreto do item lexical *mina*, demonstraremos, a partir de agora, a utilização desse mesmo termo com outra finalidade: a de quantificar. Assim, através desse trabalho, teremos a oportunidade de explicar a riqueza da nossa língua que é moldada por seus falantes a todo instante.

#### 4.2. A passagem do concreto para o abstrato

Partindo do princípio de que a língua acompanha as mudanças diacrônicas da sociedade como um todo, é importante ressaltarmos que grande parte dessa mudança e variação linguística que ocorre, ao usarmos a língua, dá-se por meio de um processo que podemos denominar de abstratização. E o que seria esse processo?

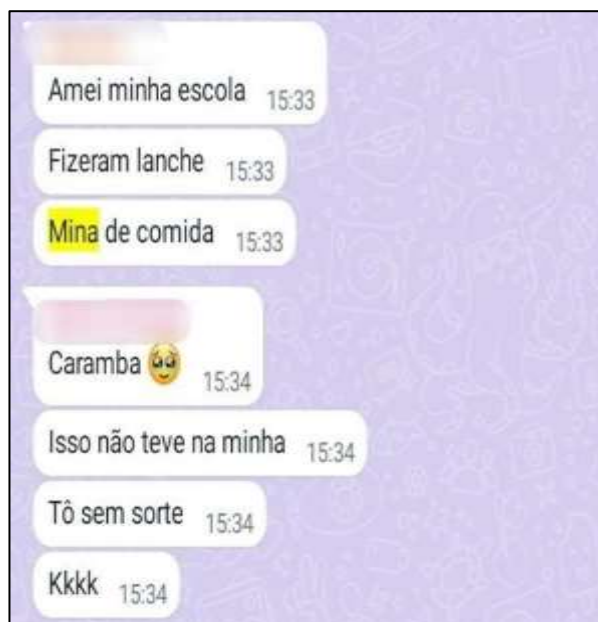
De acordo com Rios de Oliveira (2020) esse processo se manifesta quando o falante faz uso de um termo já disponível na língua para outras necessidades comunicativas. Ou seja, é a passagem do concreto para o abstrato. Vejamos a ilustração abaixo que demonstra esse processo:



Fonte: Imagens extraídas da internet

Diante disso, analisaremos, a partir de agora, 2 dados que não pertencem, nesse caso, ao seu sentido concreto, mas sim a um sentido abstrato, que é o sentido de quantificar algo:

*Dado 3:*



Fonte: *WhatsApp*

Ao analisarmos o dado acima, percebemos que se trata de uma conversa em um grupo de mensagens, no aplicativo *WhatsApp*, em que estão presentes dois falantes, que denominaremos de falante A e falante B. O falante A diz: “Amei minha escola. Fizeram lanche. Mina de comida.” E o falante B responde: “Caramba. Isso não teve na minha. Tô sem sorte. Kkk.”.

O que nos chama atenção nesse diálogo é a frase dita pelo falante A, uma vez que ele fez uso do item lexical *mina* para expressar que teve uma quantidade elevada de comida na escola. Ou seja, ele utilizou um termo que, em outro contexto de uso, pode significar outra coisa (sentido concreto), mas, nesse caso em específico que estamos analisando, o termo em questão está quantificando a palavra *comida*.

E o que podemos inferir a partir do uso desse termo não canônico? Bem, tal como está posto em Rosário (2015), nós, indivíduos falantes, somos movidos pelo princípio da expressividade durante nossas comunicações. E esse fato é percebido demasiadamente nas redes sociais, onde a busca por uma comunicação mais inovadora faz-se presente. Nesse sentido, o indivíduo A quis dar impacto na sua mensagem e ser inovador e é por essa razão

que nós, falantes fazemos tantas modificações na língua conforme a usamos, pois, sempre estamos em busca de uma comunicação mais atual, que fuja do antigo, daquilo que já está muito usado.

*Dado 4:*



Fonte: *WhatsApp*

Em relação ao dado 3, percebemos que se trata novamente de uma conversa entre dois indivíduos, que também denominaremos de A e B. O indivíduo A pergunta para o B: “Vai pagar a merenda?” E o Indivíduo B responde: “Eu tô cheia até agora” e mais adiante faz uso de um quantificador canônico (muito), proposto pela Tradição Gramatical, para dizer que comeu muito. Não satisfeito, também faz uso do item lexical *mina* para indicar que tomou uma grande quantidade de *água* (o termo que está sendo quantificado pelo termo *mina*).

Diante disso, foi possível notar através desse dado que, de fato, a língua é como diz Rios de Oliveira (2020). A autora compara o uso que fazemos da língua aos demais usos que fazemos no nosso cotidiano, como o uso das nossas vestimentas e calçados que se desgastam e precisam ser reciclados, reutilizados, dando-lhes uma nova “cara”. Da mesma forma fazemos com a língua. Praticamos a mudança linguística, inovando a nossa comunicação de forma natural que as vezes nem percebemos, pois somos naturalmente expressivos e criativos.

Com base nessa discussão, percebemos que o falante B poderia apenas utilizar o quantificador canônico *muito*, ou até mesmo outros quantificadores canônicos que estão dispostos na língua, mas é como se esses termos já não possuíssem a carga semântica suficiente para expressar a mensagem que ele gostaria de repassar. Então, ele ressignifica um termo já existente na língua, buscando suprir a sua necessidade comunicativa e assim, expressar-se de forma mais impactante e inovadora.

### **4.3. Mina: quantificador ou intensificador?**

Para pensarmos melhor sobre esse questionamento, bem como tentar entender acerca dessa fronteira não tão rígida entre quantificador e intensificador, é importante retomarmos os pressupostos funcionalistas.

Em linhas gerais, a perspectiva funcional é uma corrente de estudos que considera a língua como um instrumento que promove a comunicação entre os indivíduos. Além do mais, a língua é analisada pelo funcionalismo a partir do contexto de uso, podendo assim, ser modificada pelos seus usuários.

Diante desse cenário, para conseguirmos entender sobre essa fronteira não tão rígida entre quantificador e intensificador, cabe salientar sobre o grupo de premissas elaboradas por Givón (1995), que resume de forma brilhante a corrente de estudo funcionalista. No total, são oito premissas, mas gostaria de destacar a sexta que diz respeito às categorias não serem discretas.

De acordo com o referido autor, algumas categorias de palavras não são muito bem definidas, pois em alguns casos podem haver ocorrências em que uma palavra *x* possa pertencer à categoria A e, em outro momento, essa mesma palavra *x* pertencer à categoria B. Essa mudança pode se dar pela organização sintática. Isto é, envolve a estrutura das sentenças.

Nesse sentido, ao falar que “as categorias não são discretas”, Givon (1995) nos ajuda a compreender melhor sobre essa barreira não tão rígida entre as categorias quantificador e intensificador, pois através da pesquisa e da análise que fizemos nos dados coletados, o uso do item lexical *mina*, às vezes, pode se encaixar tanto na categoria dos quantificadores quanto dos intensificadores. Vejamos o seguinte dado abaixo:

*Dado 5:*



Fonte: *Instagram*

Ao observarmos o dado 6, percebemos que o enunciado “chorava mina” é formado pelo (verbo *chorar* que está conjugado na primeira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo + o item lexical *mina* que, nesse caso, está agindo como um intensificador). E como explicar isso? Isso ocorre porque o termo *mina* está em uma posição posterior ao verbo *chorava*. Então, nesse caso, *mina* está agindo como intensificador pelo fato de que a carga semântica do termo *mina* intensifica a carga semântica do verbo *chorar*.

Dado 6:



Fonte: *WhatsApp*

Em relação ao dado 7, percebemos que se trata de uma conversa em um grupo de *whatsapp*, na qual 2 falantes estão se comunicando. Denominaremos esses falantes de A e B. No diálogo, em questão, o falante A está perguntando para o falante B se ele não usa “algo”. Esse algo não está exposto no *print* e, portanto, não temos conhecimento do que seja, mas isso não interfere no entendimento da conversa e mais ainda no entendimento do uso do termo *mina* que está sendo analisado.

Então, dando seguimento a observação da conversa do dado 7, o indivíduo B responde: “Não”, “É muito novo pra mim”. E o falante A então responde: “Ooohh”, “Eu uso minaaa”. Podemos perceber então, que o termo *mina* está intensificando o sentido do verbo usar que no enunciado em questão está na primeira pessoa do singular no presente do indicativo. Mas para além disso, esse dado 7 apresenta mais um recurso de intensidade usado pelo falante que no caso é a repetição da letra “a” por tres vezes no termo *mina*. E esse recurso de repetição de letras, como nós sabemos, é usado para dar ênfase em enunciados de intensidade.

#### **4.4. Uma variação do termo *mina***

Sabe-se que através de muitos estudos e análises da língua, em uso, hoje, podemos comprovar através de dados reais, (o que está sendo feito neste artigo), que a língua é viva e por isso está em constante evolução assim como a sociedade. Nesse sentido, é fato, que na medida em que vamos moldando a língua para nos comunicarmos, naturalmente vamos provocando a variação linguística, fenômeno esse que, como sabemos, ocorre de várias formas.

Diante disso, é interessante percebermos que o termo *mina* (objeto de estudo dessa pesquisa), foi ressignificado e se tornou um quantificador no PB. Ou seja, foi atribuído a esse termo mais um significado: o de quantificar algo. E essa atribuição de significado nada mais é do que a variação semântica do termo *mina*. Ou seja, a variação do significado.

Nesse sentido, é pertinente destacarmos também que para além dessa variação de significado em um mesmo termo, através de minhas pesquisas e também através do meu convívio nas ilhas de Abaetetuba, eu pude perceber o uso de um outro termo que saiu do seu sentido literal e, hoje, também é usado para quantificar as coisas na língua. Refiro-me ao termo *minério*, que se olharmos tanto no nível estrutural (ortográfico), como no nível semântico (significado), o termo *minério* é uma variação do termo *mina*. Entendemos com isso que existem variações do termo *mina* dentro da categoria dos quantificadores.

Percebemos então, que os falantes do PB, especificamente os paraenses, moradores da cidade de Abaetetuba e ilhas, usam o termo *mina* para quantificar, assim como também usam o termo *minério*, que notavelmente apresenta uma massa semântica semelhante ao termo *mina*. E por qual razão isso acontece? Como podemos explicar essa busca incessante por novos termos para se comunicar e transmitir uma mensagem coerente?

Podemos citar o Princípio da Expressividade tal como está posto em Rosário (2015), o qual nos explica que os falantes são movidos por essa busca de se expressar e se comunicar cada vez melhor, de modo a transmitir uma mensagem mais expressiva, clara e inovadora.

Por tudo isso, finalizo essa discussão sobre a variação do termo *mina* dentro da categoria dos quantificadores, deixando explícito que este subtópico foi apenas uma discussão superficial, o que já pode ser assunto para outros trabalhos, pois, o foco deste artigo é mostrar o termo *mina* como um quantificador que se distancia do que a gramática tradicional nos propõe. Além disso, a pesquisa sinaliza para a rica expressividade dos falantes do PB.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou realizar uma discussão acerca do item lexical *mina*, dando visibilidade à forma típica de comunicação do povo abaetetubense. Nesse sentido, este trabalho apresentou 4 seções. Na primeira seção realizamos uma discussão sobre os quantificadores no PB, além de compararmos a visão dos linguistas e gramáticos no que diz respeito ao fenômeno da quantificação. A segunda seção foi responsável pela apresentação do aporte teórico da Linguística Funcional, a fim de demonstrarmos as teorias e estudos que sustentam o desenvolvimento desse trabalho.

Na terceira seção mostramos os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta de dados da pesquisa, sinalizando em um esquema ilustrativo as etapas que seguimos para realizar esse processo. E na quarta seção explanamos sobre a análise dos dados, que foi sistematizada em 4 categorias com o intuito de fazermos uma discussão detalhada e precisa do assunto em questão.

Diante disso, percebemos, com a discussão aqui realizada, que o termo *mina* é uma forma não canônica de quantificar as coisas do mundo bastante utilizada nas redes sociais pelo povo abaetetubense. Além disso, através dessa pesquisa, foi possível observarmos

através de dados reais o quão expressivos nós somos, sempre em busca de novos artifícios linguísticos para uma comunicação mais inovadora e impactante.

Em suma, acredito que conseguimos realizar uma discussão muito significativa acerca da língua em uso, abrindo portas para a valorização das diferentes formas de se expressar e quebrando os traços de preconceito linguístico, que ainda hoje, fazem-se presentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANÇADO, Márcia. *Manual da semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

BATTISTI, Elisa. *Redes sociais, identidade e variação linguística*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014.

BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. *Como produzir textos acadêmicos e científicos*. 1ª Edição, Editora Contexto, 2021.

BYBEE, Joan, L. *Language usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 1997.

FERRAREZI Júnior, Celso. *Semântica para a educação básica*. – 1ª Edição – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FIORIN, José Luiz. (org.) *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2013.

FOLTRAN, M. J.; NOBREGA, V. A. *Adjetivos intensificadores no português brasileiro, propriedades, distribuição e reflexos morfológicos*. São Paulo: Alfa, 2016.

LACERDA, R. *Quantificadores flutuantes no português brasileiro*. São Paulo, 2012.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, Mariangela, Rios de.; ROSÁRIO, Ivo da Costa do. (Org.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj, 2015.

OLIVEIRA, M. R. *Do corpo para a mente: o caminho do concreto ao abstrato na linguagem*. Roseta, v. 3, nº 1, 2020.

RODRIGUES, Angela. Pereira. *Há uma definição absoluta de quantificadores? Is there an absolute definition of quantifier*. Kínesis, v. III, nº 05, 2011.

[publicar-saudades-do-rock-rio-esta-galeria-defotos-pode-ajudar/](#) Acesso em: 21/09/2024

<http://br.freepik.com/fotos/mina-carvao> Acesso em: 21/09/2024